N. 5.

Igreja e Apostolado Pozitivista do Brazil

O Amor por princípio, e a Órdem por baze;
O Progrésso por fim.

Viver para outrem. *Viver às claras.*

IMIGRAÇÃO CHINEZA

Menságem a S. Ec. o Embaixador do Celéste Império junto aos governos de França e Inglatérra.

(Segunda edição)
(A primeira é de 93—1881)

RIO DE JANEIRO
SÉDE CENTRAL DA IGREJA POZITIVISTA DO BRAZIL
Templo da Humanidade
74, rua Benjamin Constant, 74
Ano CXXXIX da Revolução Franceza e LXXIII da Éra normal.
1927

IMIGRAÇÃO CHINEZA

Menságem do Centro Pozitivista Brazileiro a S. Ec. o Embaixador do Celéste Império juntos aos Governos de França e Inglatérra

Rio de Janeiro, 1° de Frederico de 93
(5 de Novembro de 1881)

(ORIGINAL PORTUGUEZ)

Ecmo. Sr.

O governo do Brazil esfórça se atualmente por entrar em comunicação diréta com a ilustre nação de que é reprezentante V. Ec., a pretesto de alargar as nóssas relações de comércio e amizade no interesse de ambos os paízes. Infelismente ha falta de sinceridade em similhante afirmação; e os pozitivistas brazileiros júlgão de seu dever levar ao conhecimento de V. Ec. o conjunto de documentos oficiais que demônstrão os verdadeiros intúitos dos nósso governo em tais negociações. Antes porem, consinta V. Ec. que motivemos o nósso ato em poucas palavras.

Separados pelos oceanos, pelos dezértos, pelas grandes cordilheiras, os póvos que se derrâmão pela superfície da térra podérão dezenvolver-se livremente durante épocas imemoráveis. Ignorados uns dos outros, cada um seguiu a sua evolução espontânea, dando em rezultado as diferentes civilizações atualmente conhecidas. Entre os grupos mais ou menos izolados que assim se fôrão constituindo destaca-se

o conjunto de nações que Augusto Comte denominou a República Ocidental, formado hoje pela França, a Itália, a Espanha, a Inglatérra, a Alemanha e seus anéxos europeus e americanos.

Enfeixado durante alguns séculos em um todo harmônico sob a autoridade do pontífice católico, esse grupo, caíu em revolução cada vês mais profunda a partir do XIV século. Foi isso conseqüência do aniqüilamento gradativo das crenças religiózas em contradição crecente com todas as ezigências da Humanidade, sem que ao mesmo tempo pudésse surgir uma doutrina regeneradora capás de substituí-las. Rotos todos os laços morais só restava o domínio da violência e da opressão pela luta inevitável entre os antigos chéfes espirituais e temporais e os antigos subordinados que acabávão de sair da escravidão pela servidão da gléba, e que trazíão consigo todos os vícios de similhante orígem.

Fôrão-se perdendo a pouco e pouco as preocupações de moralidade, e erigindo-se a satisfação dezenfreada dos instintos subaltérnos em baze da felicidade individual e política. Daí a ambição cada vês mais pronunciada de gozos materiais com o inteiro esquecimento de quaisquér outras considerações; a fébre do enriquecimento rápido e sem escrúpulos; a falta de lealdade nas relações sociais e internacionais; o interesse egoísta, em suma, dos indivíduos e dos póvos tornado a última razão e o supremo juís de todas as condutas. Éssa óbra de contínua degradação minava o Ocidente havia já dois séculos quando as viágens dos grandes navegadores dérão-lhe o pleno conhecimento do planeta humano. Para lógo abríu-se vasto campo às devastações da anarquia em que se convulsionava a Európa, e começou a esploração monstruóza dos póvos nóvamente descobértos. Por

ésta fórma originou-se o banditísmo internacional hoje em prática pelos governos do Ocidente e que rezume-se nésta fraze cruel: — *opressão dos fracos pelos fórtes desmoralizados.*

Para que nada faltasse, pretensos sábios, mantidos por tais governos, sistematizárão tamanha perversidade, formulando a *teoria das raças*, em virtude da qual o conjunto do gênero humano tem de ser fatalmente sacrificado à raça mais eminente. Quanto a determinação déssa raça ezecranda que está destinada para algôs universal, constitúi um problema fácilmente acomodável aos interesses e ambições de todos os potentados.

É contra esses vandalismos práticos e teóricos que os pozitivistas protéstão enérgicamente. Graças a Augusto Comte, sabemos que todas as civilizações se dezenvólvem segundo as mesmas leis; e que si os póvos áchão-se atualmente em situações divérsas é porque as suas progressões respectivas não tivérão a mesma velocidade. Para tal retardamento concorrêrão cauzas múltiplas que os políticos ocidentais têm o dever de não ignorar e remover, esforçando-se por acelerar a marcha espontânea das divérsas civilizações por uma intervensão sientífica e honésta.

Óra, similhante intervensão ezige uma operação preliminar que aínda não está realizada, e vem a ser a definitiva pacificação desse mesmo Ocidente, pelo termo da revolução em que ele se agita. ¿Em nome de que princípios leais, governos que difícilmente se pódem manter em seus próprios estados, e póvos que oferécem cotidianamente o ezemplo de todas as opressões e de todos os escândalos, civís e internacionais, irão intervir nos destinos das outras populações da Térra? A este Ocidente anarquizado, a razão honésta indica uma marcha única em suas relações

com os póvos que tivérão a infelicidade de conhecê-lo em hóra tão má: — limitar-se a simples tranzações comerciais, sem a mínima violência, sem a mínima estorsão, o regímen em suma de uma liberdade sinceramente aceita e lealmente mantida.

Tal é, Ecm. Senhor, em poucas palavras o ponto de vista geral em que se áchão os pozitivistas, para os quais o patriotismo jamais ha de consistir na solidariedade com os hômens degenerados que, por ignorância ou má fé, confúndem a cobiça própria com a dignidade e os interesses nacionais. Cumpre-nos agóra especificar, com relação ao nósso governo, em que se afastou ele de tais princípios.

A porção da América que hoje constitúi o Brazil foi descobérta pelos portuguêzes no ano de 1500 da éra cristan; portanto, quando já a revolução ocidental contava dois séculos de ezistência. Os póvos que habitávão a região descobérta vivião em pleno estado selvágem e região-se por simples costumes.

Todos os viajantes de então são acórdes em louvar a benevolência e ecelente natural déssas heróicas tríbus que acolhêrão os invazores com grandes demonstrações de alegria e a mais nóbre hospitalidade. Mas não tardou muito que esse contentamento se transformasse em luto e a primitiva confiança em ódio encarniçado. Porque os invazores, não satisfeitos com assenhoreárem-se das térras, perseguírão os naturais e os reduzírão à escravidão, apezar dos esfórços dos jezuítas que jamais cessárão de trabalhar pela libertação dos selvágens. Éssa libertação foi por fim conseguida; subzistiu, porem, a escravidão dos mízeros habitantes da África que érão comprados ou violentamente prezos em seu país e conduzidos para a América. Tão infame tráfico continuou mesmo depois do Brazil independente, e só foi suprimido

graças à enérgica intervenção da Inglatérra. No interior do país perzistiu no entanto o mesmo sacrilégo negócio, e ainda hoje à face do mundo civilizado, cômprão-se e vêndem-se hômens em todo o Brazil! (1)

É fóra de dúvida que similhantes aviltamentos não tínhão raízes nos corações portuguezes, e apenas rezultávão do desprestígio da autoridade religióza, unido à cubiça da classe ativa. Sem apoio nas massas ocidentais, o sacerdócio católico, havendo perdido a sua fórte unidade, encostou-se ao governo de cada nação e tornou-se o instrumento de opressão dos fracos pelos fórtes. Foi assim que ele não hezitou em sancionar a escravização dos infelizes africanos a pretesto de salvar-lhes as almas. Desde, portanto, que as crenças católicas se fôrão de todo eliminando pela ascenção gradual da siência abstrata, os sentimentos generózos da massa da nação irrompêrão e servírão de baze à campanha abérta contra a escravidão por todos os hômens de algum valor moral. Já em 1817, na segunda e malograda tentativa para separar o Brazil de Portugal, os chéfes da revolução afirmárão o princípio da compléta supressão do regímen esclavagista. E se até hoje similhante abolição não se realizou, devemos atribuir o fato: à rezistência opósta pelos grandes proprietários rurais que constitúem a classe rica; ao regímen democrático das assembléas onde éla inflúi impossibilitando quazi todas as refórmas; e finalmente à falta de capacidade política que impéde à direção suprema do estado a iniciativa de medidas ditatoriais.

Seja como for, por tal fórma levantou-se o nível moral que a abolição do regímen esclavagista tornou-se a nóssa magna questão. Não ha mais possibilidade de evitá-la. Os nóssos estadistas, porem, em vês de tomar rezoluções enérgicas e decizivas como as que

o cazo ezige, procúrão iludir a refórma tentando uma nóva escravidão que proporcione à classe agrícola a continuação do regímen escravo. E, com a mais patriótica das indignações, somos forçados a declarar a V. Ec. que foi este o fim real das relações tentadas pelo nósso governo com o soberano do Celéste Império.

Para que não réste a mínima dúvida no ânimo de V. Ec., bastará mencionar alguns tópicos dos documentos que temos a honra de remeter a V. Ec.. Começaremos pelos discursos proferidos no parlamento brazileiro no ano de 1879 quando discutiu-se a *missão chineza*, e que V. Ec. encontrará integralmente no documento *A*.* Antes de tudo, porem, chamamos a atenção de V. Ec. para as seguintes palavras do prezidente do conselho de ministros que empreendeu a sobredita missão. Na sessão de 10 de Janeiro de 1879 caracterizou ele nestes termos a situação social e moral dos grandes proprietários rurais (doc. *B*): **

" Digamos a *verdade* sejamos *sincéros*.

" A educação e o ezemplo que recebêmos de nóssos antepassados, assim como o hábito que temos de mandar sobre escravos, *nos tornárão bem difícil a direção de trabalhadores livres e no gozo dos mesmos direitos que nós. (Apoiados)*.

Depois de similhante declaração *verdadeira* e *sincéra*, que confiança póde merecer a V. Ec. a lealdade do governo que pretende entrar em negociações com a corte de Pekin com o propózito de facilitar a imigração dos compatriótas de V. Ec. para o Brazil? Mas não é tudo. Na discussão do crédito pedido pelo

* Anais do Parlamento Braz leiro. Câmara dos Srs. Deputados. segundo ano da 17a. legislatura, prorogação da sessão de 1879. Tomo V.

** Anais do Parlamento Brazileiro. Câmara dos Srs. Deputados. Primeiro ano da 17a. legislatura, sessão de 1878. Tomo I, pag. 404.

ministério para a missão à China ficou evidenciado que o pensamento do nósso governo éra dar nóvos escravos à *grande lavoura*, traíndo por ésta fórma, ao mesmo tempo, a amizade que havia de ser solenemente jurada em um tratado, e as nóbres aspirações do país cujos destinos lhe estávão nas mãos.

Transcrevemos os trechos sem comentários:

" Supõe o orador (*ministro de estrangeiros*) ter demonstrado que não ha incongruência entre aquilo que disse no congrésso e o seu procedimento atual. *Então como agricultor e hoje como ministro, nunca considerou a introdução de chins como elemento de colonização, mas como um dos meios de aussiliar a tranzição do trabalho.* "

(Sessão de 3 de Setembro de 1789).

" Nós tratamos de importar o chim *como braço de trabalho, como substituto do braço escravo*, como remédio imediato para que a lavoura não pereça. *(Deputado Martim Francisco)*.

O Sr. Moreira de Barros *(ministro de estrangeiros)*: — Apoiado.

(Sessão de 4 de Setembro de 1789).

" Eu estou aduzindo simplesmente argumentos em favor da minha opinião. Confésso que muitos autores ha que impúgnão a imigração chinéza e contéstão a utilidade déla; mas eu nóto sempre que éssas opiniões são em relação a paízes que têm facilidade de imigração européa, o que não acontéce aos que, como nós, *precízão de uma substituição imediata do braço escravo*, e que não encôntrão outro braço mais pronto e mais barato do que o chim. *(Deputado Martim Francisco)*."

(Sessão de 4 de Setembro de 1789).

" Eu não digo que em téze o *trabalho chim seja o milhór, mas nas circunstâncias em que estamos é o*

único que temos a nósso alcance. Com o pretesto de moralizar o país, não devemos arruiná-lo e colocá-lo em condições de não poder pagar as suas dívidas e constituir-se caloteiro em prezença do estrangeiro. (*Muito bem*).

" Ou salvemos a lavoura, ou declaremos a bancarrota! *Ou aceitar o substituto que se acha mais próssimo do braço escravo, ou fazer a ruina do país.* Não temos outra solução. Infelismente estamos em tais condições!

" Reprezentante de uma província essencialmente agrícola, *obrigado a corresponder à confiança dos meus comitentes, não poderia ser a minha opinião sinão um transunto daqueles;* e eu não poderia neste recinto consentir na ruina da lavoura do país e, muito principalmente, na ruina da lavoura da província de S. Paulo. (*Deputado Martin Francisco*).

(Sessão de 4 de Setembro de 1789).

" *A introdução, pois, dos chins só póde ser justificada pela falta absoluta de outros braços.*

" Não é colono no sentido próprio da palavra, *e sim méra máquina ou instrumento animado de trabalho*, cuja importação se antólha como a mais prática e mais adequada à natureza da cultura e clima intertropicais. (*Ministro de estrangeiros*). "

(Sessão de 4 de Setembro de 1789).

Estes trechos bástão para tornar patentes as verdadeiras intenções do governo que acaba de tratar com S. M. o Imperador da China.

Consinta, no entanto, V. Ec. que terminemos tão dolorósa demonstração transcrevendo igualmente alguns tópicos de um deputado advérso à imigração chineza. Aí se afirmou pozitivamente que o pensamenlo do governo éra estabelecer com a colonização chineza uma escravidão disfarçada, sem que houvésse, na ocazião, o mínino protésto dos deputados ou ministros.

" O Sr. Afonso Pena: — Si o nóbre ministro, como membro de uma comissão tão importante como a da lavoura, reconheceu que a invazão dos índios seria um prolongamento do baixo nível moral déssa população, em nósso país, como vem hoje, como ministro de estado apregoar a conveniência desses trabalhadores, tecer-lhes os maióres elogios, emprestando-lhes mesmo qualidades morais que antes lhes recuzara, como a Câmara acaba de ver pelo parecer que li?

" É, Sr. prezidente, que o nóbre ministro, como hômem prático, confórme o tem declarado, *procura um substituto do braço escravo, substituto, Sr. prezidente, que em outros paízes tem sido considerado verdadeiro escravo!*

" É, Sr. prezidente, talvês neste intúito que S. Ec. vem hoje pedir à câmara um crédito para promover a imigração de *coolies* no país.

" O discurso a que me referi trás um trecho que *móstra e define perfeitamente qual é o pensamento do governo, em relação aos trabalhadores aziáticos.* S. Ec. declarou que é porque esses trabalhadores se sujêitão a cértos trabalhos pezados só próprios de escravos, no atual estado do nósso país. *

" Eis senhores, o que dís S. Ec. (*lê*):

" Alem do serviço da cultura de térras e da co-
" lheita de produtos, o agricultor preciza ainda de
" jornaleiros para muitos trabalhos. (*Apoiado*).

. . . .

" . . . serviços que dificilmente se fázem de em-

* O deputado Sr. Afonso Pena alude a um discurso proferido no *Congrésso Agrícola* e que vem por estenso no volume que com este título saiu da Tipografia Nacional. Fórma o nósso documento H. Vide pág. 189 desse volume.

" preitada, *não são serviços de colonos e tanto que os*
" *agricultores que têm colônias no milhór pé de dezen-*
" *volvimento, são obrigados a ter escravos no manejo*
" *desses serviços.* (*Muitos apoiados*). *Óra, desde que*
" *escasseia o trabalhador atual que é o escravo, onde*
" *irão os lavradores procurar outros?* Quais são a-
" queles que têm milhór provado?

O Sr. Afonso Pena (*continuando a ler*):

" Incontestavelmente são os chins. *Ainda com*
" *québra de nóssos sentimentos de nacionalidade, e*
" *com ulgum pezar por introduzirmos esse elemento de*
" *raça inferior, aceitemos éssa medida como uma ne-*
" *cessidade: é o meio de termos trabalhadores.* Em
" diferentes partes do mundo muitíssimas indústrias
" não poderíão ezistir hoje, como por ezemplo, a do
" guano, si não fosse o aussílio desses trabalhadores,
" que se sujêitão a serviços pezadíssimos.

" *Alem disso, e o orador dis sem ofensa de nenhum*
" *dos agricultores prezentes, porque tambem pertence*
" *a éssa classe, a tendência dos agricultores é sobre-*
" *tudo para têrem trabalhadores dos quais póssão*
" *dispor livremente.* *

" Pois é esse justamente o motivo que nos déve levar a afastar para bem longe ésta nóva espécie de escravidão....

" E tanto mais me paréce ser este o pensamento predominante do ânimo de S. Ec. e do nóbre prezidente do conselho, quanto é cérto que o nóbre prezidente do conselho em sessão désta câmara de 10 de Janeiro declarou o seguinte: (*lê*):

" *Digamos a verdade, sejamos sicéros.*

" *A educação e o ezemplo que recebemos de*
" *nóssos antepassados, assim como o hábito que temos*
" *de mandar sobre escravos,* nos tornarão bem difícil

* Aqui finda a citação do discurso a que alude o Sr. Pena.

" *a direção de trabalhadores livres é no gozo dos*
" *mesmos direitos que nós*".

" Tanto o Sr. prezidente do conselho, como o nóbre ministro de estrangeiros, fázem preceder a enunciação de suas idéias a respeito dos trabalhadores qué nos convêm, de precauções oratórias, como que pedindo desculpa por uzàrem de tanta fanqueza.

" Cotejando, Sr. prezidente, o pensamento do nóbre prezidente do conselho com o do nóbre ministro de estrangeiros nos discursos pronunciados no congrésso agrícola, eu chego à concluzão de que no ânimo de SS. EEc. prepondéra, sobretudo, como razão importante para a imigração de *coolies*, o fato de que eles se sugêitão ao mando, de que não se considérão com os mesmos direitos que nós."

(Sessão de 9 de Setembro de 1879.)

A esse tempo éra publicada por órdem do mesmo prezidente do conselho de ministros uma brochura sobre os *Trabalhadores Aziáticos*, cuja confecção fora confiada ao Sr. Salvador de Mendonça, cônsul geral do Brazil nos Estados-Unidos (doc. *C*). *. E para que V. Ec. julgue da unidade de vistas do governo e do seu delegado pedimos licença para transcrever algumas passágens déssa óbra:

" E lançando em torno de nós ólhos investigadores, nenhuma imigração mais do que a Chineza, vemos hoje que póssa trazer suprimento imediato e pronto de braços à nóssa agricultura e indústria. *Instrumento tranzitório da nóssa riqueza, éla operará entre nós a substituição do trabalho servil pelo trabalho livre, desbravará o terreno e abrirá os caminhos por onde a emigração da Európa correrá mais tarde*

* Trabalhadores Aziáticos, por Salvador de Mendonça, cônsul geral do Brazil nos Estados Unidos. Óbra mandada publicar pelo Ecm. conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú. prezidente do consêlho de ministros e ministro e secretário de estado dos negócios de agricultura, comércio e óbras públicas. New-York. 1879.

a disputar a pósse do sólo de nóssa pátria como o da têrra da promissão do século próssimo. (pag. 19).

" *Este é o povo que se nos antólha como milhór instrumento da nóssa grandeza. Uzá-lo durante meio século, sem condições de permanência sem deixá-lo ficar-se em nósso sólo, com renovação periódica de pessoal e de contrato, afigura-se-nos o passo mais acertado que podemos dar para vencer as dificuldades do prezente e preparar auspiciózamente o futuro nacional.* (pag. 25).

" A muitos parecerá injusto que a raça branca utilize o trabalho aziático e o despéça quando o incremento da prosperidade pública permita pagar trabalhadores mais caros. *Mas nem ésta solução está em discordância com a tendência dos despedidos em não permanecerem entre póvos estranhos, nem com a natureza geral dos contratos pelos quais cérta quóta de trabalho fica paga e salda mediante o preço ajustado.*

" *A política sentimental não foi certamente a do* Sr. *Willian Seward, e praza aos céus que éla nunca seja a política dos póvos que têm graves problemas econômicos pendentes de rezolução.* págs. 150 e 151).

" Dar-lhes garantia de bem-estar emquanto entre nós, é não só dever de póvos civilizados como interesse de locatários de serviço; *mas pago o seu trabalho nada mais lhes ficamos devendo no terreno econômico, nem no terreno da moral, pois seria insensatês, a braços com as dificuldades intérnas que já nos saltêião e tendo aos ombros milhão e meio de entes inferiores que fôrão até agóra o instrumento de nóssa prosperidade, tentarmos a empreza talves cristan, mas impolítica de milhorar a raça chineza.* (pág. 151).

" Os chins são suspeitózos, são desleais, são

mentirózos, não crião amor à térra, para onde imigrão, são concupiscentes. (pág. 221).

" A' mentira são de contínuo levados talvês pelas dispozições especiais de algumas das suas leis demaziado sevéras. (pág. 222).

" A sua moral pagan sujeita-os aos perigos da sensualidade, contra os quais não os defêndem as verdades do Cristianismo. (pág. 222).

" Então teremos dado o passo decizivo para a conquista do nósso lugar na história da civilização, porque o advento *desse obscuro instrumento de trabalho coïncide sempre na América com a liberdade de uma raça.* (pág. 226). "

Não satisfeito com similhante publicação, o mesmo Sr. Salvador de Mendonça vindo ao Rio de Janeiro no correr deste ano, realizou uma conferência abundando nas mesmas idéias. Ésta conferência realizou-se em um edifício ocupado pelo ministério da agricultura. sob a prezidência do ministro de então. Chamamos a atenção de V. Ec. para esse fato que revéla que, apezar da retirada do ministério iniciador da missão chineza, o seu sucessor perziste na mesma política de vacilações e má fé internacional.

Publicada em rezumo nos diários da manhan, incluzive o *Diário Oficial* (doc. *D*), * ésta conferência deu lugar a um protésto por parte dos pozitivistas brazileiros que foi publicado nos jornais de maiór circulação (doc. *E*), e mais tarde na *Revue Occidentale* de Paris (doc. *F*), ** órgão oficial do Pozitivismo. Aí os pozitivistas declarâmos a rezolução em que estávamos de levar ao conhecimento de

* Diário Oficial de 27 de Julho de 1881.

** La Revue Occidentale, philosophique, sociale et politique. Publiée sous la direction de M. Pierre Laffitte n. du 20 Gutenberg 93 (1 Septembre 1881).

V. Ec. o procedimento inqualificável do agente do nósso governo. Foi isso motivo para sair em um dos diários désta capital uma nóva edição da mesma conferência pretendendo humanizar as frazes cruéis da primeira. Nóte V Ec. que já em 1880, o prezidente atual do Centro Pozitivista Brazileiro, em um artigo da revista acima citada (doc. *G*), * assim se esprimiu a respeito da tentativa de emigração chineza para o Brazil:

"É de esperar que a sabedoria do Imperador da China ha de neutralizar a imprudência do nósso governo, recuzando-se a assinar toda e qualquér convenção com o governo do Rio."

A' vista dos trechos citados e documentos que temos a honra de remeter a V. Ec. poderá V. Ec. por si ajuizar ao cérto das intenções dos nóssos estadistas e quão longe estão eles de compreender a grandióza civilizazão da quázi metade da nóssa espécie. E já que a suprema direção do Brazil móstra-se inferior aos reclamos de um patriotismo esclarecido, esperamos da proverbial sabedoria do governo de V. Ec. um obstáculo insuperável às calamidades que ameáção os súditos chinezes e a nação brazileira. Porque, Ecm. Senhor, quando mesmo outras fôssem as intenções do governo brazileiro, a tentativa atual para deslocar os compatriótas de V. Ec. seria contrária às indicações da política e da moral, verdadeiramente sientíficas. Seria anti-político por trazer nóvas complicações ao problema revolucionário do Ocidente, de si mesmo já superior à capacidade habitual dos nóssos estadistas. ¿Hômens que se móstrão impotentes para compreender o jogo, embóra anormal, dos elementos de uma civilização em que nacêrão, ficarão porventura aptos a compreendê-lo quando tivérem de contar

* La Revue Occidentale, n. du 10 César 92 (1 Mai 1880).

com a influência desse novo fator—o elemento chinês —, reprezentante de uma civilização sobre a qual professão as idéias mais estravagantes e errôneas?

Demais, seria imoral; porque os costumes ocidentais achando-se em dissolução, o espetáculo de nóssas dezórdens, nada teria de edificante para os compatriótas de V. Ec., por um lado; e por outro lado, a diversidade dos costumes chinezes oferecendo às nóssas populações um novo tipo que os seus preconceitos nacionais impédem de apreciar, aumentaria éssas dezórdens e havia de agravar inevitàvelmente a anarquia em que atualmente nos achamos.

Vê, portanto, V. Ec. que uma política sientifica e moralizada déve levar hoje todos os estadistas do mundo a não tentárem misturar artificialmente populações quaisquér e muito principalmente as que tivérão uma evolução espontânea, como é o cazo das nóssas civilizações respetivas. Tudo quanto ha a fazer rezume-se em estreitar os laços de mútua simpatia e recíproco respeito, aguardando com prudência e firmeza que a uniformidade de crenças, trazendo a unidade de costumes, permita a prévia homogeneidade do Ocidente, posteriormente estensiva a toda a Térra.

A China já déve estar deziludida quanto às intenções dos governos ocidentais, que se vão tornando de dia para dia instrumentos consientes ou inconsiêntes de um grupo de hômens para os quais são lícitos todos os meios de *enriquecimento*.

Dispondo dos capitais acumulados pelos labores das gerações que mórrem desconhecidas e porventura sacrificadas à voracidade de uma cubiça sem escrúpulos, pódem esses *enriquecidos* gozar da grande publicidade, assalariar escritores, fundar jornais e crear opinião pública ficticia, capás de iludir os incautos e fazer pressão sobre governos infelismente abaixo

do nível das ezigências sociais. Tal é hoje a situação do Brazil. como a de todo o Ocidente, e contra a qual urge precaver o résto das populações da Térra. Patriótas, mas compenetrados de que a nóssa pátria nada seria sem o concurso de todas as gerações humanas, a quem mais déve do que a si mesma, os pozitivistas brazileiros estamos rezolvidos a prestar o nósso modésto concurso para impedir que se ouze macular a Pátria Brazileira com procedimentos que são ao mesmo tempo atentados e ingratidões para com a nóssa mãi comum,—a Humanidade.

É nesse intúito, Ecm. Senhor, que o Centro Pozitivista Brazileiro tem a honra de pôr às órdens de V. Ec. todas a informações que julgar necessário obter, neste sentido, com referência ao Brazil.

Não é ésta a primeira vês que os pozitivistas se levântão contra a política imoral dos governos ocidentais. Augusto Comte, o fundador da Religião da Humanidade, não cessou de reclamar o abandono da Algéria pelos francezes, seus compatriótas, e ouzou mesmo formar o vóto solene de sêrem os francezes espulsos pelos árabes, se perzistíssem em manter éssa criminóza conquista. Desde 1859 o Sr. Richard Congreve reclamou da mesma fórma o abandono de Gibraltar e da India pelos inglezes; e alguns anos mais tarde os pozitivistas inglezes publicárão, sob o título *International Policy*, um verdadeiro tratado das relações da Inglatérra com o résto do nósso planeta. Em 1873 a Inglatérra tendo declarado guérra aos Achantis, o Sr. Congreve estigmatizou nóvamente a conduta do governo do seu país. E no mesmo ano os pozitivistas francezes e inglezes aprezentárão ao embaixador do Japão uma menságem na qual afirmávão os princípios internacionais do pozitivismo, aconselhando-o ao mesmo tempo a que se esforçasse por

dotar o Japão dos meios de defeza de que dispõe o Ocidente, com o fim de fazer-se respeitar por um comércio sem escrúpulos e ficar em estado de manter enérgicamente a sua independência.

Por ocazião da última guérra com a Turquia, ainda os pozitivistas fizérão vótos pela vitória das armas otomanas e protestárão altamente contra o desmembramento déssa glorióza nação. E agóra mesmo acábão de erguer-se contra a política do governo francês em Túnis.

A China especialmente, Ecm. Senhor, tem sido objéto das mais solícitas simpatias por parte dos pozitivistas. A conduta política do Ocidente com relação à pátria de V. Ec., tem sido contínuamente estigmatizada, provocando ainda em 1876 um protésto do Dr. Bridges. Demais o venerando diretor atual do Pozitivismo, o Sr. Pierre Laffitte (2) consagrou três lições do seu curso geral da História da Humanidade à apreciação da civilização chineza. * Néstas lições fês ele sobresair o alto valor social e moral da grande nação de que é reprezentante V. Ec. e a rara superioridade do eminente hômem que a simboliza, o imortal Confúcio.

O ato, pois, dos pozitivistas brazileiros é apenas a continuação de uma série de precedentes honrózos e vem provar que sabemos compreender o caráter prático da religião que professamos. Para nós o Pozitivismo não se redús à ezaltação dos sentimentos generózos em solenidades cultuais e ainda menos à aquizição sem objetivo dos fórtes conhecimentos sobre o mundo, a sociedade e o hômem, que constitúem o nósso dógma. Retemperamos os corações em festividades sociolátricas pois que sabemos que é do cora-

* Éstas lições áchão-se publicadas em volume sob o título : — *Considérations générales sur l'ensemble de la Civilisation chinoise et sur les relations de l'Occident avec la Chine*. Paris. 1861.

ção que emânão os impulsos; dezenvolvemos a inteligência porque só éla póde fornecer-nos os meios de satisfazar as aspirações de nóssa alma; mas tudo isto cumprimos tendo sempre em vista a prática do *bem universal*, ao qual só o amor da Humanidade, convenientemente ezercitado pelo culto, póde conduzir, e só o conhecimento da siência abstrata permite realizar.

Saúde e respeito.

Pela Sociedade Pozitivista do Rio de Janeiro,

MIGUEL LEMOS, prezidente.

(Travéssa do Ouvidor nº 7).

(1) Por lei de 13 de Maio de 1888 foi declarada estinta a escravidão no Brazil. (Nóta da 2ª edição).

(2) A propózito da direção de P. Laffitte, do qual se separou a Igreja Pozitivista do Brazil em 1883, vede o folheto n. 31. (Nóta da 2ª edição).